

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**Empatia interpessoal dos pais, estilos parentais e
ajustamento psicológico dos filhos – Quando as teias se
constroem em telas de desvantagem social e económica**

Sónia Sofia da Silva Rocha

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Sistémica)

2016

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**Empatia interpessoal dos pais, estilos parentais e
ajustamento psicológico dos filhos – Quando as teias se
constroem em telas de desvantagem social e económica**

Dissertação orientada pela Professora Doutora Isabel Narciso

Sónia Sofia da Silva Rocha

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Sistémica)

2016

Agradecimentos

*À Professora Doutora **Isabel Narciso**, por todo o apoio ao longo deste percurso. Obrigada pela imensa compreensão, sobretudo nos momentos mais difíceis, mas também pela disponibilidade e incentivo constante. Obrigada por ser a figura sempre presente, sem a qual esta tese não seria possível.*

*À Dra. **Mariana Fernandes**, pela disponibilidade infinita, pelo companheirismo neste período de muitas aprendizagens, pelo apoio e amizade.*

*À minha "**Gente linda**", por me acompanharem ao longo destes últimos anos e nesta reta final, pela amizade, por me apoiarem sempre, por me incentivarem, por serem a família que criei, nesta que foi, durante 5 anos, a minha segunda casa.*

*Às "**capafianas**", por todo o apoio, incentivo e amizade. Por terem acreditado em mim quando eu duvidei.*

*Ao **Filipe**, o meu amigo, o meu companheiro. Por todos os anos de amizade, por ser a companhia nos momentos de alegria, mas também nos momentos de tristeza. Por ser a minha companhia nesta fase final, por percorrermos juntos este caminho.*

*Aos **Amigos**, por estarem sempre presentes, neste percurso com momentos de euforia e momentos de ansiedade, por me proporcionarem sempre um ombro, uma mão, um coração, por estarem sempre prontos a ouvir-me.*

*À **Família**, pela valorização, pelo apoio, pelo orgulho que sentem no meu percurso.*

*Aos **Pais e irmã**, simplesmente por tudo, pelo amor, por perdoarem as minhas ausências, por serem sempre a principal fonte de inspiração e motivação, por acreditarem em mim e nas minhas capacidades, pelo orgulho que me transmitem e que me incentiva a ser sempre mais e melhor.*

*À **Tia Bernarda**, pelo apoio constante, pelo carinho e motivação para seguir sempre em frente, por compreender sempre as minhas ausências, pelo orgulho sem medida, por continuar a cuidar de mim e a acompanhar-me até ao fim.*

Índice

Lista de Tabelas e Figuras	I
Resumo	II
Abstract	III
Introdução	1
Enquadramento Teórico	2
Parentalidade em contextos de desvantagem económica e social	3
Competências parentais: regulação emocional e reatividade interpessoal.....	6
Presente Estudo	10
Método	11
Participantes	11
Procedimento	13
Variáveis e Instrumentos	14
Análise de Dados	16
Resultados	16
Comparação de médias	16
Análise de correlações	19
Análise de regressões	21
Análise de mediação	22
Discussão	23
Limitações	27
Conclusão	29
Referências Bibliográficas	31

Lista de Tabelas e Figuras

Tabela 1 – Estatísticas descritivas das variáveis em estudo e diferenças de médias em função da situação económica do participante.

Tabela 2 – Matriz de correlações entre as variáveis em estudo.

Tabela 3 – Análise de Regressão Múltipla Hierárquica para a Variável Dependente Total de Problemas.

Figura 1 – Modelo dos efeitos mediadores da parentalidade negativa na relação entre a empatia e o total de problemas, na amostra com desvantagem económica e social.

Resumo

As famílias com desvantagem social e económica são uma realidade crescente no contexto português, sendo, pois, urgente o estudo dos processos e fatores que as caracterizam e influenciam o seu bem-estar. Pretendeu-se, com o presente estudo no âmbito da parentalidade, compreender a relação entre empatia interpessoal, estilos parentais, e ajustamento psicológico dos filhos, bem como analisar as diferenças entre tais variáveis entre famílias em contexto de desvantagem social económica e famílias sem desvantagem social e económica. A amostra incluiu 104 participantes, 63 dos quais se encontravam em situação de desvantagem social e económica e 41 em situação social e económica normativa. Foi utilizado o *Índice de Reatividade Interpessoal - IRI*, o *Questionário De Estilos Parentais - QDEP*, e o *Strengths and Difficulties Questionnaire, SDQ-Port*. Os resultados revelaram: diferenças significativas entre as duas sub-amostras apenas na perceção que os pais têm do ajustamento psicológico dos filhos, sendo que os pais da sub-amostra com desvantagem social e económica percecionam um menor ajustamento dos seus filhos do que os pais da sub-amostra sem desvantagem; associações entre empatia interpessoal e estilos parentais, bem como entre estilos parentais e ajustamento psicológico; a contribuição da parentalidade negativa, que inclui os estilos parentais autoritário e permissivo, e da situação de desvantagem social e económica, para problemas no ajustamento dos filhos; na sub-amostra com desvantagem social e económica, um efeito mediador da parentalidade negativa na associação entre empatia interpessoal dos pais e ajustamento psicológico dos filhos.

Palavras-chave: Empatia, estilos parentais, ajustamento psicológico infantil, desvantagem social e económica

Abstract

Families living with economic and social disadvantage are a increasing reality in the portuguese context, being, therefore, urgent the study of the processes and factors that characterize them and influence their well-being. In the present study in the scope of parenting, we intended to understand the relation between interpersonal empathy, parenting styles, and children psychological adjustment, as well as analyzing the diferences in such variables between families with economic and social disadvantage and families without economic and social disadvantage. The sample included 104 participants, 63 of which with economic and social disadvantage and 41 without economic and social disadvantage. It was used the *Índice de Reatividade Interpessoal - IRI*, the *Questionário De Estilos Parentais - QDEP*, e the *Strengths and Difficulties Questionnaire*, SDQ-Por. The results revealed: significant differences between the two sub-samples only in the parents' perception of their children's psychological adjustment, meaning that parents with economic and social disadvantage reported lower children's psychological adjustment than parents without economic and social disadvantage; associations between interpersonal empathy and parenting styles, as well as between parenting styles and psychological adjustment; the contribution of negative parenting (which includes authoritarian and permissive parenting styles), and economic and social disadvantage to children's adjustment problems; a mediator effect of negative parenting in the association between parents's interpersonal empathy and children's psychological adjustment.

Key-words: Empathy, parenting styles, children's psychological adjustment, economic and social disadvantage

Introdução

As famílias com desvantagem social e económica são, cada vez mais, uma realidade no nosso país (PORDATA, 2016) e, portanto, é absolutamente crucial conhecer as suas características e os processos que nelas têm lugar, bem como compreender de que forma esses processos e fatores têm influência no desenvolvimento infantil, dada a importância dos processos familiares enquanto mediadores entre as dificuldades económicas e o ajustamento das crianças.

O presente estudo tem como finalidade contribuir para o enriquecimento dos conhecimentos científicos sobre parentalidade e ajustamento psicológico dos filhos, em particular, em contextos de desvantagem social e económica, tendo como objetivo central compreender a relação entre empatia interpessoal, estilos parentais, e ajustamento psicológico dos filhos. Pretende-se também analisar as diferenças destas variáveis entre famílias em contexto de desvantagem social económica e famílias sem desvantagem social e económica. A sua pertinência justifica-se pelo aumento do número de famílias que vivem nestes contextos em Portugal (PORDATA, 2016) e pela consequente necessidade de se conhecer as características e processos que nelas têm lugar e como estes fatores interagem entre si. Acresce, ainda, que este estudo se propõe analisar um conjunto de variáveis potencialmente relacionadas entre si, algumas das quais, tanto quanto é do nosso conhecimento, escassamente exploradas na literatura científica.

A presente dissertação inclui as seguintes seções: o Enquadramento Teórico no qual fazemos uma revisão da literatura existente no âmbito das nossas variáveis; o Método com a descrição e caracterização da amostra, variáveis e instrumentos, e procedimentos de recolha e análise dos dados; os Resultados, onde descrevemos os resultados obtidos; a Discussão, que inclui uma reflexão sobre os resultados e sobre as limitações do estudo; e, finalmente, a Conclusão, onde se pretende sobretudo refletir sobre possíveis implicações para a intervenção clínica e para a investigação futura.

Enquadramento Teórico

As famílias em situação de desvantagem económica e social – famílias com baixos rendimentos, com adultos responsáveis desempregados ou com empregos precários ou beneficiários do Rendimento Social de Inserção - são cada vez mais comuns em Portugal. No ano de 2014, as taxas apontavam para 19,5% de agregados em situação de pobreza, sendo aquelas mais elevadas à medida que o número de crianças do agregado aumenta e o número de adultos presentes diminui (PORDATA, 2016).

No âmbito da literatura científica sobre famílias em situação de desvantagem económica e social, uma das temáticas mais exploradas tem sido o impacto que a vivência em condições de pobreza tem nas crianças, nomeadamente no seu ajustamento psicológico. As crianças que crescem em famílias em contexto de pobreza revelam mais comportamentos de internalização, mas principalmente de externalização, em comparação com crianças de famílias com rendimentos superiores. Esta diferença é ainda maior se o contexto em que a criança vive for de pobreza prolongada (Dearing, Taylor & McCartney, 2006). Estas crianças também obtêm resultados inferiores a nível escolar, revelando maiores dificuldades de aprendizagem (Evans, Gonnella, Marcynyszyn, Gentile, Salpekar, 2005). Constata-se, ainda, que a pobreza não afeta apenas a criança, mas sim toda a família, nomeadamente os pais e a forma como estes se relacionam com os filhos, o que pode criar um impacto negativo no desenvolvimento da criança (Yeung, Linver & Brooks-Gunn, 2002).

Neste sentido, e uma vez que os processos familiares são mediadores importantes entre as dificuldades económicas e o ajustamento das crianças (Mistry R., Vandewater E., Huston A. & McLoyd V., 2002), é fundamental estudar os fatores da parentalidade específicos das famílias em situação de desvantagem económica que medeiam o ajustamento social e emocional dos filhos. Igualmente relevante é o estudo de fatores individuais dos pais que influenciam a parentalidade e o ajustamento dos filhos, nestes contextos de risco. Assim, o principal objetivo deste estudo é o de compreender de que forma a reatividade interpessoal, e, em particular, a empatia enquanto característica individual dos pais, contribui para o seu estilo parental e para o ajustamento socio-emocional dos filhos em idade escolar.

Parentalidade em contextos de desvantagem económica e social

Em 2002, Yeung et al. investigaram o impacto de vivências em contexto de desvantagem económica e social no desenvolvimento das crianças e nas respetivas famílias e verificaram que os níveis de *stress* são mais elevados nas famílias em contextos de pobreza. Estas famílias também exibem níveis comunicacionais mais pobres, sendo este fator influenciado pelo rendimento familiar (Banovcinova & Levickan, 2015). Num estudo realizado com um grupo de mães com baixos rendimentos, onde se pretendia analisar a relação entre níveis de *stress*, crenças de autoeficácia e a perceção de suporte social, Raikes e Thompson (2005) constataram uma associação negativa entre os níveis de *stress* percebidos e crenças de autoeficácia, concluindo que os pais em situação de pobreza são mais afetados pela sua situação económica quanto menores forem as suas crenças de autoeficácia. Os pais que se consideravam capazes de enfrentar as situações desafiantes relacionadas com a pobreza, revelavam níveis mais baixos de *stress* relacionado com a parentalidade.

Vários são os estudos que têm tentado compreender o papel mediador da parentalidade entre os recursos económicos e sociais e o ajustamento das crianças (e.g., Formoso, Gonzales & Aiken, 2000; Mistry, Benner, Biesanz, Clarck & Howes, 2010). Mistry et al. (2002) efetuaram um estudo sobre *stress* parental e indicadores de pressão económica, tendo constatado que os níveis de *stress* sentido pelos pais se associam à eficácia na disciplina parental e esta aos indicadores comportamentais das crianças. Este estudo, que pretendia compreender o papel dos processos familiares enquanto mediadores entre o bem-estar económico e o ajustamento das crianças, mostrou que o *stress* sentido pelos pais está associado à responsividade parental e a estratégias disciplinares eficazes, sendo que quando a responsividade dos pais é mais baixa, os comportamentos sociais dos filhos são menos positivos, demonstrando mais problemas comportamentais, menor competência social, menor autonomia e maior impulsividade e agressividade. No mesmo sentido, Lengua, Kiff, Moran, Zalewski, Thompson, Cortes e Ruberry (2014) verificaram a relação entre baixos rendimentos e baixos níveis de afetuosidade e apoio por parte dos pais ou de negatividade da parte dos mesmos, num estudo empírico que pretendia testar a hipótese de que a parentalidade medeia o efeito do contexto de risco económico e social no desenvolvimento do autocontrolo/autorregulação infantil. Os resultados mostraram que todas as dimensões da parentalidade estudadas estavam ligadas ao desenvolvimento do autocontrolo.

No âmbito da parentalidade, os estilos parentais e práticas educativas constituem fatores centrais para a compreensão da qualidade das relações entre pais e filhos bem como para o ajustamento psicológico das crianças e adolescentes (Aunola, Stattin & Nurmi, 2000; Gadeyne, Ghesquière & Onghena, 2004; Querido, Warner & Eyberg, 2002). Baumrind (1991) definiu três diferentes estilos parentais, tendo em conta duas diferentes dimensões - o controlo/exigências e o afeto/responsividade: o estilo autoritativo onde se enquadram pais exigentes e com algum controlo mas com altos níveis de afeto e responsividade; o estilo permissivo característico de pais que, apesar de responsivos e afetuosos, têm baixos níveis de exigência e controlo em relação aos seus filhos; e o estilo autoritário que inclui pais com níveis baixos de afeto e responsividade, e níveis elevados de controlo e exigência. Estes estilos parentais traduzem-se num leque diversificado de atitudes e comportamentos face aos filhos, cuja influência no ajustamento socio-emocional das crianças já foi verificada em numerosos estudos (e.g., Kawabata, Alink, Tseng, Ijzendoorn & Crick, 2011; Malin, Cabrera, Karberg, Aldoney & Rowe, 2014; McLeod, Wood & Weisz, 2006; Padilla-Walker & Christensen, 2010; Schaffer, Clark & Jeglic, 2009).

Analisando famílias em contextos sociais normativos, i.e., sem desvantagem social e económica, Padilla-Walker et al. (2010), num estudo sobre estilos parentais e empatia nas crianças, evidenciaram o papel mediador da empatia e da autorregulação na relação entre parentalidade positiva e comportamento pró-social de pré-adolescentes em relação a estranhos, a amigos ou à família. As consequências dos estilos parentais exercidos pelo pai e pela mãe revelaram-se diferentes, na medida em que a parentalidade positiva do pai se associava apenas à autorregulação do filho, enquanto a da mãe se associava também à empatia da criança e aumentava os níveis de comportamento pro-social em relação à família. Também Schaffer et al. (2009), com famílias no mesmo contexto, analisaram a relação entre estilos parentais e a exibição de comportamentos antissociais por parte dos filhos, com a empatia a exercer um papel mediador nesta relação, tendo concluído que o estilo parental permissivo maternal contribui não apenas diretamente para o comportamento antissocial da criança, mas também através também do seu impacto negativo no desenvolvimento da empatia do seu filho. Num estudo de Cornell e Frick (2007), os autores sugerem que o estilo parental autoritário e a punição corporal estão relacionados com baixos níveis de empatia bem como com sentimentos de culpa na criança, e que o uso de reforço positivo

está associado ao estilo parental autoritativo, e a punição corporal ao estilo parental autoritário, tendo em conta famílias de classe média.

Num estudo onde a maioria das famílias possuía rendimentos inferiores à média, Shumow, Vandell e Posner (1998) também encontraram associações entre os diferentes estilos parentais e o ajustamento dos filhos, verificando que a dureza parental, característica de estilos parentais autoritários, estava negativamente associada a relatos dos professores de ajustamento comportamental da criança na escola e positivamente associada a relatos parentais de problemas de comportamento em casa. Esta dureza parental estava também associada a resultados académicos mais pobres. Por outro lado, os resultados evidenciaram que a firmeza parental, característica de estilos parentais autoritativos, se associava a comportamentos mais responsáveis por parte da criança em casa e a menos problemas comportamentais.

Uma das dimensões segundo a qual Baumrind (1991) definiu os três diferentes estilos parentais – o controlo exercido pelos pais -, tem sido ligada ao ajustamento psicológico e social das crianças. Assim, alguns estudos empíricos relacionam o controlo psicológico parental – controlo dos pais sobre a forma de pensar ou agir dos filhos através do reforço do sentimento de culpa na criança, demonstrando sentimentos de tristeza e desilusão, por exemplo – com maiores níveis de ansiedade (McLeod et al., 2006), e com um maior nível de agressividade (Kawabata et al., 2011). Contudo, o controlo comportamental – controlo das atividades, rotinas e comportamentos da criança através do estabelecimento de regras e limites e da exigência do seu cumprimento – exercido pelas mães parece diminuir os problemas de externalização, quando associado a um baixo nível de controlo psicológico. Isto pode ser explicado pelo facto de os pais, desta forma, fornecerem aos filhos regras e expectativas claras acerca dos seus comportamentos ao mesmo tempo que lhes permitem experienciar e exprimir os seus pensamentos e desejos livremente (Aunola & Nurmi, 2005).

Malin et al. (2014) investigaram, mais recentemente, a influência das práticas educativas dos pais na atenção e regulação emocional dos seus filhos, especificamente em famílias em situação de desvantagem económica, e concluíram que os comportamentos de regulação dos pais e o suporte materno estavam relacionados com a regulação emocional das crianças. Neste estudo, que pretendia descrever as estratégias de controlo usadas pelos pais de famílias com baixos rendimentos, os autores constataram que a maioria dos pais recorria à regulação verbal, utilizando também

estratégias de controlo comportamentais, como proibições, modelagem, suporte físico e disciplina física.

Investigando também os fatores da parentalidade, em famílias com baixos rendimentos, que influenciam o desenvolvimento futuro das crianças, Mills-Koonce, Willoughby, Zvara, Barnett, Gustafsson e Cox (2015) encontraram associações que sugerem que a sensibilidade que estes pais transmitem aos seus filhos irá ter impacto no desenvolvimento cognitivo da criança, nomeadamente, maiores níveis de sensibilidade, quer materna quer paterna, irão contribuir para um melhor funcionamento cognitivo da criança. Também a capacidade dos pais, em situações de desvantagem económica, em processarem as suas emoções, que contribui para a manutenção de boas relações com os outros, foi relacionada com a qualidade da relação pais-filhos (Kliewer, Borre, Wright, Jäggi, Drazdowski & Zaharakis, 2016), sendo que os pais com menor competência emocional exibem menos comportamentos de solicitação em relação aos filhos – procura de informação dos pais relativamente aos seus filhos –, e os seus filhos, nomeadamente os rapazes, também reportam sentir-se menos aceites pelos seus pais. Assim, a competência emocional parental e a forma como os pais reagem às necessidades dos filhos são fundamentais para a qualidade da relação pais-filhos, sendo particularmente relevante em contextos de desvantagem socioeconómica, uma vez que as mães com menor nível de educação reportam mais dificuldades em identificar e descrever as suas emoções (Kliewer et al., 2016),

Competências parentais: regulação emocional e reatividade interpessoal

A regulação emocional dos pais – capacidade de regular as emoções que experienciam e a expressão das mesmas – e a forma como esta influencia a regulação dos filhos tem sido um dos pontos mais explorados recentemente, sendo que alguns estudos concluíram que existe um papel mediador da regulação da criança entre a reatividade interpessoal dos pais e o ajustamento dos filhos. Por exemplo, Eisenberg, Gershoff, Fabes, Shepard, Cumberland, Losoya, Guthrie e Murphy (2001) concluíram que a expressividade positiva das mães aumentava a regulação dos seus filhos, enquanto a sua expressividade negativa tinha o efeito de diminuir a regulação da criança. Por sua vez, a regulação da criança relacionava-se com baixos níveis de exibição de problemas comportamentais de internalização e de externalização e com altos níveis de competência social. Num outro estudo, Eisenberg, Valiente, Morris, Fabes,

Cumberland, Reiser, Gershoff, Shepard e Losoya (2003) chegaram às mesmas conclusões, evidenciando a consistência destes resultados em termos longitudinais, principalmente no que diz respeito à expressividade materna positiva.

Num estudo que pretendia relacionar a emotividade e regulação emocional parental, características de personalidade e comportamentos parentais com a regulação e o funcionamento social das crianças, Cumberland-Li, Eisenberg, Champion, Gershoff e Fabes (2003), constataram que a emoção e regulação parental estavam relacionadas com a regulação e o funcionamento social das crianças. Os autores concluíram que a regulação emocional parental estava relacionada com comportamentos parentais positivos e com a regulação da criança, a sua competência social e o seu ajustamento. Verificaram, ainda, que a regulação das mães se relacionava positivamente com expressividade familiar positiva. Por outro lado, a sua emotividade negativa, bem como a dos pais, também estava positivamente associada a um menor ajustamento dos filhos.

A expressividade e responsividade parental podem considerar-se dimensões de empatia parental, dado que são respostas à experiência emocional dos filhos. A empatia é descrita na literatura como sendo a experiência subjetiva de saber o que outra pessoa está a sentir, sentido o que ela está a sentir, sem nunca perder a noção do *self*, e respondendo à experiência da outra pessoa (Decety & Jackson, 2004). A capacidade de os pais empatizarem com aquilo que os filhos estão a sentir, traduz-se por interações mais harmoniosas caracterizadas pela partilha de afeto positivo e responsividade mútua (Kochanska, 1997), ajudando a criança a desenvolver capacidades de regulação das suas próprias emoções (Field, 1994).

Valiente, Eisenberg, Fabes, Shepard, Cumberland e Losoya (2004), investigaram a relação entre a expressividade emocional parental e as respostas empáticas das crianças, passando pelo auto-controlo infantil. Os resultados mostraram que a expressividade parental positiva estava ligada a baixos níveis de *stress* e a níveis elevados de simpatia disposicional na criança.

Num estudo que pretendia avaliar de que forma os fatores emocionais da criança se relacionam com os fatores parentais, entre eles, a empatia, Strayer e Roberts (2004) encontraram evidência empírica que liga a empatia dos pais à empatia futura dos filhos, moderadas por outros fatores, como a raiva. Assim, pais mais empáticos têm filhos com menos sentimentos de raiva, uma vez que são menos controladores: os pais empáticos são menos autoritários e as mães usam menos o controlo pela culpa e ansiedade (controlo psicológico). Por outro lado, este estudo revela também que a empatia dos

pais pode também aumentar os sentimentos de raiva da criança, uma vez que pais mais empáticos encorajam ou toleram mais a expressão das emoções dos seus filhos. Os mesmos autores evidenciaram as consequências de baixos níveis de empatia das crianças, que se traduzem, não só em maiores relatos de sentimentos de raiva, mas também em comportamentos das crianças mais agressivos e menos adequados socialmente (Strayer, Fraser & Roberts, 2004).

Também Trumpeter, Watson, O'Leary e Weathington, em 2008, investigaram a relação entre a empatia parental e o narcisismo, a autoestima e a depressão nas crianças. Com base na adaptação de duas subescalas do *Interpersonal Reactivity Index* de Davis (1983), os resultados mostraram que a empatia emocional – a resposta emocional e compreensão pelo outro, avaliada pela subescala *Preocupação Empática* – e a empatia cognitiva – a capacidade cognitiva da pessoa de ver as coisas pela perspectiva do outro, avaliada pela subescala *Tomada de Perspetiva* – dos pais está associada a níveis mais elevados de autoestima, narcisismo ajustado e baixos níveis de depressão e narcisismo desajustado nas crianças.

Ligando a empatia parental e a vinculação, num estudo com crianças em idade pré-escolar e respetivas mães, cujo objetivo era o de examinar a relação entre a compreensão empática das mães relativamente a experiências internas dos seus filhos e a qualidade da vinculação mãe-filho, Oppenheim, Koren-Karie e Sagi (2001) encontraram diferenças na empatia entre mães com filhos com vinculação segura e mães com filhos com vinculação insegura. As mães que demonstravam compreensão empática pelas experiências dos seus filhos através de tentativas adequadas de compreensão dos motivos para os seus comportamentos, tinham uma vinculação segura com os seus filhos. Por outro lado, a ausência de compreensão empática, revelada por discursos e pensamentos rígidos ou incoerentes, estava ligada a uma relação prévia de vinculação insegura entre a mãe e a criança. Adolescentes com um estilo de vinculação inseguro apresentam, pois, capacidades comprometidas em termos de experiência empática, nomeadamente no que diz respeito a demonstrações empáticas em relação aos pais. Assim, adolescentes com um estilo de vinculação evitante mostram menos sensibilidade empática – associação entre a estimativa que o adolescente faz da experiência emocional da outra pessoa e a experiência real da pessoa – no que diz respeito ao afeto positivo demonstrado pelas mães, enquanto adolescentes que se enquadram num estilo de vinculação ansioso revelam menos sensibilidade empática para o afeto negativo materno (Diamond, Fagundes & Butterworth, 2011).

Coyne, Low, Miller, Seifer e Dickstein (2006) consideram que um aspecto importante da compreensão empática, no caso das mães, envolve a experiência emocional da mãe e as suas descrições das emoções dos seus filhos. Assim, desenvolveram um sistema de codificação (Avaliação da Compreensão Empática) e, utilizando-o numa amostra de mães com os respetivos filhos, concluíram que as mães com maiores níveis de compreensão empática e mais intensas emocionalmente – percebendo mais emoções positivas nos seus filhos e fazendo uma descrição mais rica e detalhada das emoções dos mesmos –, demonstravam também maior sensibilidade, sendo que elas próprias experienciavam mais emoções positivas. Por sua vez, mães com menor compreensão empática demonstravam mais sintomas depressivos, mostrando-se menos envolvidas e com menor percepção do impacto emocional que têm nos seus filhos.

Testando também a ligação entre a empatia parental e o ajustamento futuro das crianças, com o foco na diferença entre as contribuições maternas e as contribuições paternas e no sexo da criança, Barnett, King, Howard e Dino (1980), encontraram evidência para uma ligação positiva entre a empatia das raparigas e a empatia materna. Assim, os autores sugerem que existem várias dimensões empáticas nas quais os pais e as mães diferem entre si e que podem explicar estas diferenças: as mães reportam passar mais tempo com os seus filhos, dizem ser mais afetuosas e enfatizam os sentimentos das outras pessoas em situações que exigem medidas disciplinares ou não.

As diferenças na empatia parental no que diz respeito às mães e aos pais foi também explorada por Strayer e Roberts (1989) num estudo onde um dos objetivos era compreender a ligação entre a empatia dos filhos e a empatia dos pais. Apesar de as mães relatarem níveis mais elevados de empatia do que os pais, os autores não encontraram uma ligação entre a empatia parental e a empatia dos filhos, revelando apenas que a empatia materna estava associada a menos comportamentos pro-sociais em casa, relacionando-se com mais comportamentos pro-sociais na escola, enquanto a empatia paterna se associava a mais comportamentos pro-sociais em casa.

Mais recentemente, Manczak, DeLongis e Chen (2016) também estudaram a influência da empatia parental no ajustamento psicossocial dos filhos, testando a hipótese de que a empatia, além de ser benéfica para as crianças, do ponto de vista psicológico e fisiológico, também terá influência no bem-estar parental. Os autores confirmaram a sua hipótese, concluindo que: a) os adolescentes com pais mais empáticos usavam estratégias de regulação emocional mais adaptativas e relatavam ter

menos dificuldades para regular as suas emoções; b) a empatia parental contribuía para uma melhor perspetiva dos pais acerca do seu propósito na vida, e para aumentar a sua autoestima.

Com o intuito de estudar a empatia em populações com outras características, Perez-Albeniz e Paul (2003; 2004) quiseram perceber se existe diferença entre a empatia dos pais com risco de exercer abuso físico sobre os filhos – avaliado pelo preenchimento do *Child Abuse Potential Inventory* – e a empatia dos pais sem risco de exercer abuso físico. Assim, nos seus estudos, os autores concluíram que os pais com risco de abuso físico apresentam menor empatia do que os pais sem risco de abuso físico, demonstrando menos sentimentos de calorosidade, compaixão e preocupação pelos outros. Estes também reportam sentir-se mais ansiosos e desconfortáveis quando confrontados com a experiência emocional negativa de outra pessoa. Esta empatia demonstrada pelos pais com risco de abuso físico era menor no que dizia respeito não apenas à empatia relativamente à criança como também a direcionada ao seu parceiro, em comparação com os pais sem risco de abuso físico aos seus filhos.

O presente estudo

Pretende-se, no presente estudo, compreender a relação entre a empatia, estilos parentais, e ajustamento psicológico das crianças, considerando particularmente a parentalidade em situação de desvantagem social e económica. Assim, constituem objetivos específicos: (a) comparar a sub-amostra com desvantagem social e económica e a sub-amostra sem desvantagem social e económica relativamente às variáveis intrapessoal dos pais (empatia), parentais (estilos parentais, parentalidade positiva e negativa) e da criança (ajustamento psicológico); (b) analisar a associação entre as variáveis supracitadas; (c) analisar o contributo de variáveis sociodemográficas (número de filhos e desvantagem social e económica), da variável intrapessoal dos pais (empatia), e de variáveis parentais (parentalidade positiva e parentalidade negativa) no ajustamento psicológico das crianças; (d) analisar o papel mediador da parentalidade negativa na relação entre empatia e ajustamento psicológico, em situação de desvantagem económica.

Tendo em conta a revisão de literatura efetuada esperamos, no presente estudo que:

- os pais da amostra com desvantagem económica sejam menos empáticos, revelem uma parentalidade mais negativa e percecionem um menor ajustamento psicológico dos filhos em comparação com os pais na amostra sem desvantagem (Hipótese 1);
- a empatia esteja positivamente associada ao estilo autoritativo e permissivo, e negativamente associada ao estilo autoritário (Hipótese 2);
- a empatia esteja negativamente associada a problemas no ajustamento psicológico dos filhos (hipótese 3);
- os estilos autoritário e permissivo estejam negativamente associados ao estilo autoritativo (hipótese 4);
- o estilo autoritário esteja positivamente associado a problemas no ajustamento psicológico dos filhos (hipótese 5);
- a desvantagem social e económica e a parentalidade negativa contribuam positivamente para problemas no ajustamento psicológico dos filhos (hipótese 6);
- a empatia contribua negativamente para problemas no ajustamento psicológico dos filhos (hipótese 7);
- a parentalidade negativa desempenhe um papel mediador entre a empatia e problemas no ajustamento psicológico dos filhos, nas famílias com desvantagem económica, ou seja, a empatia está negativamente associada à parentalidade negativa que, por sua vez, está positivamente associada ao total de problemas (hipótese 8).

Método¹

Participantes

No presente estudo, a amostra incluiu 104 participantes: 87 (83,7%) mães e 17 (16,3%) pais. Relativamente à situação socioeconómica, 63 (60,6%) encontravam-se em

¹ O presente estudo constitui um recorte na investigação de doutoramento em curso da Dra. Mariana Barroso Fernandes, sobre parentalidade em contexto de desvantagem social e económica, sob orientação da Professora Doutora Isabel Narciso e da Professora Doutora Marta Pedro, tendo sido aprovada pela Comissão de Deontologia do Conselho Científico da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa em 2015.

situação de desvantagem (identificada por instituições de apoio social) e 41 (39,4%) em situação normativa. Na totalidade da amostra, das famílias em situação de desvantagem e famílias em situação normativa, 38 famílias (36,5%) possuíam rendimentos mensais superiores a 1000€, 37 famílias (35,6%) auferiam rendimentos inferiores a 499€, 18 entre os 500€ e os 799€ (17,3%) e as restantes 11 entre os 800€ e os 999€ (10,6%). O rendimento destas famílias provinha, em 40 famílias (38,5%), de apoios sociais e de vencimentos mensais fixos em 44 famílias (42,3%). Em 6 famílias (5,8%) os rendimentos provinham de remuneração por semana, dia ou por tarefa, em 5 das famílias (4,8%) vinham de riqueza herdada ou adquirida, noutras 5 (4,8%) provinha de uma junção de apoios sociais e de remuneração semanal, diária ou por tarefa, em 3 famílias (2,9%) da soma de vencimentos mensais fixos e apoios sociais, sendo que apenas 1 das famílias (1%) referiu que os seus rendimentos provinham do apoio de familiares ou amigos. Relativamente à escolaridade, 12 pais (11,5%) completaram o Ensino Superior, 2 (1,9%) tinham frequência universitária, 26 pais (25%) completou entre 10 a 12 anos de escolaridade, 36 pais (34,6%) tinham entre 7 e 9 anos de escolaridade, 15 pais (14,4%) entre 5 a 6 anos e 13 pais (12,5%) tinham entre 0 e 4 anos de escolaridade. No que se refere à situação profissional, 48 pais (46,2%) encontravam-se no desemprego, 43 (41,3%) a trabalhar por conta de outrem, 7 (6,7%) eram trabalhadores independentes, 4 pais (3,8%) encontravam-se de baixa médica e 2 pais (1,9%) estavam reformados.

Os participantes tinham, em média 37,4 anos (DP = 7,04). Enquadravam-se sobretudo na faixa-etária dos 31 aos 40 anos (48,1%), seguidos dos pais entre os 41 e os 50 anos (30,8%), entre os 20 e os 30 anos (18,3%), e, por fim, entre os 51 e os 60 anos (1,9%) e entre os 61 e os 70 anos (1%).

No que diz respeito à configuração familiar, 59 famílias são biparentais (56,7%) e 45 são famílias monoparentais (43,3%), sendo que uma das famílias foi considerada monoparental pois o pai não vivia com a família uma vez que estava emigrado. Considerando a situação conjugal, 24 afirmaram serem casados (23,1%), e 36 relataram estar em coabitação conjugal (34,6%).

Quanto ao acompanhamento psicológico ou psiquiátrico, 72 participantes (69%) referiram que nunca tiveram, 24 (23,1%) afirmaram ter tido no passado e 8 (7,7%) referiram ter acompanhamento atual. No que concerne à religiosidade, 83 (79,8%) afirmaram ser crentes e os restantes 21 (20,2%) não crentes.

No que diz respeito aos filhos, predominaram as famílias com mais de um filho: 41 famílias (39,4%) tinham 2 filhos, 31 (29,8%) com 1 filho, 23 (22,1%) com 3 filhos, 5 (4,8%) com 4 filhos e 4 (3,8%) com 5 filhos. Relativamente aos filhos sobre os quais os pais responderam, 53 eram rapazes (51%) e 51 raparigas (49%) com uma média de idades de cerca de 9 anos ($M = 9.14$; $DP = 2.13$) e encontravam-se maioritariamente no 1º e o 2º Ciclos (50% e 35,6%, respetivamente). Os participantes referiram que 65 (62,5%) filhos (sobre os quais responderam) não tinham qualquer apoio técnico, enquanto 20 (19,2%) beneficiavam de apoios escolares, 8 (7,7%) de apoios psicológicos, 2 (1,9%) de apoio ao nível de terapia da fala, 5 crianças (4,8%) beneficiavam de uma combinação de apoio escolar mais apoio psicológico, 3 crianças (2,9%) tinham apoio escolar, psicológico e pedopsiquiátrico e 1 criança (1%) tinha múltiplos apoios.

Procedimento

O processo de amostragem foi de conveniência, tendo a recolha ocorrido na zona de Lisboa e Vale do Tejo e no Centro do país. Os dados da amostra que preenchia os critérios de desvantagem económica e social foram recolhidos com a colaboração das seguintes instituições: Associação NÓS (Barreiro) - Serviço de Protocolo de Rendimento Social de Inserção e CAFAP – Centro de Apoio Familiar e Aconselhamento Parental; Associação Auxílio e Amizade; Ponto de Apoio à Vida; e Cáritas de Coruche. Com base no critério de desvantagem económica e social, as instituições identificavam as famílias e efetuavam um primeiro contacto no intuito de fornecer informação sobre o estudo e pedir a sua colaboração voluntária. Se as famílias aceitavam colaborar, as instituições agendavam as sessões de aplicação do protocolo de investigação, considerando as preferências da família em relação às datas, horários e locais de aplicação. Nas datas acordadas, um membro da equipa de investigação conduzia o processo de recolha de dados. Começava por contextualizar o estudo, e informar os participantes sobre os objetivos gerais, critérios de participação, garantia de anonimato e confidencialidade dos dados, bem como sobre a possibilidade de recorrerem ao Serviço à Comunidade da FPUL, caso desejassem. Era, finalmente, apresentado o documento relativo ao consentimento informado, o qual era lido pelo investigador presente, e assinado pelos participantes. Seguidamente, procedia-se à aplicação dos questionários e escalas que constituíam o protocolo de investigação. Tal aplicação era sempre oralizada de modo a salvaguardar as situações de iliteracia ou

dificuldade em entender as questões escritas. Também para facilitar a compreensão das escalas de *Likert* dos vários instrumentos, os investigadores utilizavam régua com imagens criadas para o efeito².

Os dados da amostra sem desvantagem económica e social foram recolhidos segundo o método “bola de neve”, através das redes sociais informais da equipa de investigação. A cada participante que se voluntariava para participar na investigação, era entregue o protocolo que era preenchido por si e, posteriormente, devolvido ao investigador de contacto. As primeiras páginas do protocolo incluíam informação sobre objetivos gerais, critérios de participação, garantia de anonimato e confidencialidade dos dados, a possibilidade de recorrerem ao Serviço à Comunidade da FPUL, o documento relativo ao consentimento informado e instruções específicas de preenchimento.

Variáveis e Instrumentos

Reatividade interpessoal dos pais. A reatividade interpessoal dos pais foi avaliada através do *Índice de Reatividade Interpessoal* - IRI (Davis, 1983; Versão Portuguesa: Limpo, Alves & Castro, 2010). Esta escala é constituída por 24 itens, cuja resposta é dada através de uma escala de *Likert* de 1 a 5, sendo que 1 equivale a “Não me descreve bem” e 5 equivale a “Descreve-me muito bem”. Os diferentes itens são afirmações sobre sentimentos e pensamentos que a pessoa pode ter, ou não, experienciado. A escala divide-se em quatro subescalas: Tomada de Perspetiva, que reflete a tendência para adotar os pontos de vista do outro (e.g., *de vez em quando tenho dificuldade em ver as coisas do ponto de vista dos outros*); Preocupação Empática, que mede a capacidade de experienciar sentimentos de compaixão e preocupação pelo outro (e.g., *tenho muitas vezes sentimentos de ternura e preocupação pelas pessoas menos afortunadas do que eu*); Desconforto Pessoal, que avalia sentimentos de ansiedade, apreensão e desconforto em contextos interpessoais tensos (e.g., *em situações de emergência, sinto-me desconfortável e apreensivo/a*); e Fantasia, que avalia a tendência da pessoa para se colocar em situações fictícias (e.g., *facilmente me deixo envolver nos sentimentos das personagens de um romance*). No estudo de adaptação para a população portuguesa, verificou-se, relativamente à consistência interna, que a escala apresenta valores de *alpha* de *Cronbach* de 0.74 para a dimensão Tomada de Perspetiva,

² Dado que a recolha dos dados continua atualmente em curso, não se apresenta, neste estudo, tal material.

de 0.77 para a dimensão Preocupação Empática, de 0.81 para a dimensão Desconforto Pessoal e de 0.83 para a dimensão Fantasia.

No processo de análise do presente estudo, foram consideradas e agrupadas as dimensões Tomada de Perspetiva, ligada à empatia cognitiva, e Preocupação Empática, que avalia a empatia emocional. Não foram utilizadas as outras duas dimensões, Fantasia e Desconforto Pessoal, dado que a primeira não remete para situações interpessoais e a segunda centra-se sobretudo em reações a situações de *stress*. O agrupamento das subescalas, Preocupação Empática e Tomada de Perspetiva enquanto medida da empatia, revelou uma boa consistência interna com um alfa de Cronbach de .76.

Estilos parentais. Para avaliar os estilos parentais, foi utilizado o *Questionário De Estilos Parentais - QDEP* (Versão Portuguesa: Pedro, Carapito & Ribeiro, 2007). A escala é constituída por 32 itens, respondida com base numa escala de Likert de 1 a 5, em que 1 equivale a “Nunca” e 5 equivale a “Sempre”. O QDEP permite avaliar três estilos parentais– autoritativo (e.g., *encorajo o meu filho a falar dos seus problemas*), autoritário (e.g., *castigo fisicamente o meu filho para o disciplinar*) e permissivo (e.g., *eu cedo quando o meu filho faz birra*). No estudo de adaptação para a população portuguesa, verificou-se que a escala apresenta uma boa consistência interna, com valores de *alpha* de Cronbach de 0.86 para o estilo autoritativo, 0.82 para o autoritário e de 0.64 para o estilo permissivo (Pedro, Carapito & Ribeiro, 2007).

No processo de análise dos dados do presente estudo, considerámos dois dos modelos estudados pelos autores portugueses: o modelo 2 (modelo tri-factorial de 1ª ordem) correspondente aos três estilos parentais e o modelo 3 (modelo de 2 fatores) correspondente a parentalidade positiva (que inclui os itens do estilo autoritativo) e parentalidade negativa (que inclui os itens dos estilos autoritário e permissivo). No presente estudo, encontraram-se, para os estilos autoritativo, autoritário e permissivo, valores de *alpha* de Cronbach, respetivamente, de .85, .76, .70, e, para parentalidade positiva e parentalidade negativa, valores, respetivamente, de .85 e .80, o que indica uma boa consistência interna.

Ajustamento psicológico dos filhos. O *Strengths and Difficulties Questionnaire*, SDQ-Por (Goodman, 2001, versão portuguesa de Fleitlich, Loureiro, Fonseca, & Gaspar, 2005) foi usado para avaliar o ajustamento psicológico dos filhos. Esta escala é constituída por 25 itens cuja resposta se baseia na escolha de uma entre três alternativas, sendo elas “Não é verdade”, “É um pouco verdade” e “É muito

verdade”. O SDQ apresenta cinco dimensões: Sintomas Emocionais; Problemas de Comportamento; Hiperatividade; Problemas com os Pares; e Comportamento Pró-Social. O somatório de todas as dimensões, à exceção de Comportamento Pró-Social, resulta numa dimensão global que remete para o Total de Problemas; o somatório das dimensões Hiperatividade e Problemas de Comportamento resulta numa dimensão relativa a Problemas de Externalização; e o somatório das dimensões Sintomas Emocionais e Problemas com os Pares resulta numa dimensão referente a Problemas de Internalização. No presente estudo, os resultados relativos à fiabilidade revelaram uma boa consistência interna, com os seguintes valores de *alpha* de *Cronbach*: .85 em Total de Problemas, .74 em Problemas de Internalização e .83 em Problemas de Externalização.

Variáveis sócio-demográficas. O presente estudo inclui um Questionário Sócio-Demográfico constituído por questões que pretendem recolher informações sócio-demográficas múltiplas sobre o participante e sobre os seus filhos (e.g., sexo, idade, escolaridade, situação profissional, estatuto conjugal, religião, acompanhamento psicológico ou psiquiátrico).

Análise de Dados

A análise de dados foi efetuada com recurso ao *Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)*. Numa primeira fase, e considerando o primeiro objetivo, foi realizada a análise descritiva dos dados (médias e desvios-padrão), tendo sido realizada uma comparação de médias através do teste de diferenças de médias de T-Student. Esta análise incluiu a empatia (variável intra-pessoal dos pais), cada um dos três estilos parentais, a parentalidade positiva e a parentalidade negativa (variáveis parentais), e o ajustamento emocional dos filhos - total de problemas, problemas de externalização, problemas de internalização (variáveis da criança).

Numa segunda fase, procedeu-se à análise do padrão de correlações entre as variáveis em estudo através do coeficiente de Pearson.

Com o objetivo de analisar o contributo das variáveis independentes selecionadas (número de filhos, desvantagem social e económica, empatia, parentalidade positiva e parentalidade negativa) no ajustamento emocional dos filhos (Total de problemas), foi realizada, numa terceira fase, uma Regressão Múltipla Hierárquica. A inserção das variáveis independentes na equação seguiu uma ordem específica, sendo avaliado o que

cada uma destas variáveis contribui para a variável dependente (Total de problemas), depois de controladas as variáveis antecedentes (Pallant, 2005).

Resultados

Comparação de médias

Efetuaram-se dois *testes-t* para amostras independentes de modo a comparar as amostras com e sem desvantagem social e económica relativamente a empatia (variável intrapessoal dos pais), cada um dos três estilos parentais, a parentalidade positiva e a parentalidade negativa (variáveis parentais), e o ajustamento emocional dos filhos - total de problemas, problemas de externalização, problemas de internalização (variáveis da criança). Tal como se pode observar na Tabela 1, apenas existem diferenças significativas nas variáveis da criança – Externalização, Internalização e Total de Problemas -, apresentando a amostra com desvantagem social e económica valores médios mais elevados.

Tabela 1

Estatísticas descritivas das variáveis em estudo e diferenças de médias em função da situação económica do participante.

	Amplitude	C/ desv. (n=63)		S/ desv. (n=41)		Diferenças entre grupos	
		M	DP	M	DP	t	p
<i>Empatia</i>	2.42	3.92	.56	4.04	.52	-1.180	0.24
<i>Estilos Parentais</i>							
Autoritativo	2.40	4.03	.56	4.21	.50	-1.582	.12
Autoritário	3.17	2.06	.56	2.01	.39	.554	.58
Permissivo	3.20	2.16	.75	2.24	.75	.587	.56
<i>Tipo de parentalidade</i>							
Parentalidade positiva	2.40	4.03	.56	4.21	.50	-1.582	.12
Parentalidade negativa	3.18	2.09	.53	2.08	.40	.135	.89
<i>Ajustamento psicológico dos filhos</i>							
Total de problemas	1.25	1.58	.34	1.35	.23	4.131	.00
Problemas de externalização	1.60	1.73	.44	1.52	.35	2.641	.01
Problemas de internalização	1.40	1.42	.36	1.18	.19	4.515	.00

Análise de correlações

Ao analisar as correlações entre as subescalas das três variáveis em estudo, pode constatar-se algumas correlações significativas, como podemos ver representado na Tabela 2. Assim, no que se refere à relação entre as variáveis da parentalidade e a variável intrapessoal dos pais (empatia), os resultados indicam: correlações positivas e fortes com o estilo parental autoritativo e com a parentalidade positiva; correlações negativas e moderadas com estilo parental autoritário e parentalidade negativa.

As variáveis da criança que remetem para o seu ajustamento psicológico estão associadas entre si e às variáveis da parentalidade, mas não à variável intrapessoal dos pais (empatia). No que concerne aos problemas de externalização, verifica-se: associação positiva e forte a total de problemas e moderada a internalização; associação positiva e moderada aos estilos autoritário e permissivo e à parentalidade negativa; e associação negativa e fraca ao estilo autoritativo e à parentalidade positiva. Relativamente aos problemas de internalização, os resultados mostram: além da associação com problemas de externalização, uma associação positiva e forte a total de problemas; uma relação positiva e moderada com o estilo autoritário e moderada com o estilo permissivo, e, ainda, moderada com a parentalidade negativa. No que diz respeito ao total de problemas, para além das ligações já enunciadas, verifica-se também: correlação positiva e moderada com os estilos autoritário e permissivo e com a parentalidade negativa; correlação negativa e fraca com o estilo autoritativo e com a parentalidade positiva.

As variáveis da parentalidade apresentam também relações entre si: associações negativas e moderadas do estilo autoritativo³ com o estilo autoritário e com parentalidade negativa; o estilo autoritário⁴ correlaciona-se positiva e moderadamente com o estilo permissivo, e negativa e moderadamente com a parentalidade positiva; acresce, ainda, a correlação muito forte entre estilo permissivo e parentalidade negativa⁵.

Tabela 2

Matriz de correlações entre as variáveis em estudo.

³ A correlação total com a parentalidade positiva deve-se ao facto de esta dimensão ser constituída por todos os itens do estilo autoritativo.

⁴ A correlação positiva quase total com a parentalidade negativa deve-se ao facto de esta dimensão incluir os itens do estilo autoritário.

⁵ A correlação positiva muito forte com a parentalidade negativa deve-se ao facto de esta dimensão incluir os itens do estilo permissivo.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1.Externalização									
2.Internalização	.466**								
3.Total	.893**	.815**							
Problemas									
4.Empatia	.030	-.083	-.023						
5.Autoritativo	-.234*	-.174	-.242*	.537**					
6.Autoritário	.351**	.339**	.403**	-.411**	-.421**				
7.Permissivo	.342**	.259**	.356**	-.042	-.098	.400**			
8.Parent. Positi.	-.234*	-.174	-.242*	.537**	1.000**	-.421**	-.098		
9.Parent. Neg.	.411**	.364**	.455**	-.317**	-.352**	.909**	.746**	-.352**	

Nota. * $p < 0.05$. ** $p < 0.01$.

Análise de regressões

Foi realizada uma regressão múltipla hierárquica para analisar o contributo das variáveis independentes selecionadas (número de filhos, desvantagem social e económica, empatia, parentalidade positiva e parentalidade negativa) no ajustamento emocional dos filhos (total de problemas). Num primeiro bloco, foram colocadas as variáveis independentes número de filhos e desvantagem social e económica, e, no segundo bloco, foram colocadas as variáveis independentes parentalidade positiva, parentalidade negativa e empatia de modo a controlar o que cada uma destas variáveis acrescenta como contributo para a variável dependente, depois de controladas as antecedentes (número de filhos e desvantagem social e económica).

O modelo relativo ao primeiro bloco explica 13% da variância do total de problemas ($R^2 = .130$). Depois de introduzidas as variáveis do segundo bloco, o modelo explica 37,5% da variância da variável dependente ($R^2 = .375$). Quando as variáveis do primeiro bloco são controladas, o segundo modelo explica mais 24,5% desta variância, como podemos constatar pela Tabela 3.

Através desta análise, podemos constatar que existem três variáveis que contribuem significativamente para a variância da variável dependente. São elas, e por ordem de importância: a parentalidade negativa ($\beta = .483$); a empatia ($\beta = .266$)⁶; e a desvantagem ($\beta = -.376$).

Tabela 3

Análise de Regressão Múltipla Hierárquica para a Variável Dependente Total de Problemas.

⁶ O estudo correlacional indicou que não existem associações significativas entre empatia e as variáveis de ajustamento psicológico. Assim, este resultado que indica que a empatia contribui significativamente para o total de problemas, deve ser considerado com cautela, uma vez que é possível que se deva a um fenómeno estatístico raro de “supressão”. De acordo com Abbad e Torres (2002), “*Supressão: refere-se à situação na qual uma variável (x1), que mantém uma fraca correlação bivariada com a variável critério (y), entra como preditora na equação de regressão múltipla com um β de sinal oposto ao da correlação bivariada que mantém com y. Trata-se de um fenómeno estatístico raro, conforme Cohen e Cohen (1975) e Tabachnick e Fidell (1996). A supressão pode ser um sinal de relações complexas entre variáveis predictoras na explicação da variável critério. Esse fenómeno é inicialmente identificado por meio da análise do padrão assumido pelos coeficientes de regressão e de correlação de cada preditor com o critério. Entre os sinais de supressão, deve-se observar, segundo Tabachnick e Fidell, os dois seguintes: (1) o valor absoluto da correlação simples entre as variáveis x1 e y deve ser substancialmente menor que o peso β para a variável supressora x1; e (2) a correlação simples e o peso β dessa variável devem ter sinais opostos*” (p.22).

Variáveis	Coeficientes não estandardizados		Coeficientes estandardizados		
	B	EP	β	t	Sig
Modelo 1					
Desvantagem	-.209	.067	-.323	-3.116	.002
Nº Total de Filhos	.022	.032	.072	.699	.486
Modelo 2					
Desvantagem	-.243	.059	-.376	-4.126	.000
Nº Total de Filhos	-.016	.029	-.051	-.556	.579
Empatia	.154	.058	.266	2.676	.009
Parentalidade Positiva	-.095	.058	-.162	-1.636	.105
Parentalidade Negativa	.319	.058	.483	5.484	.000

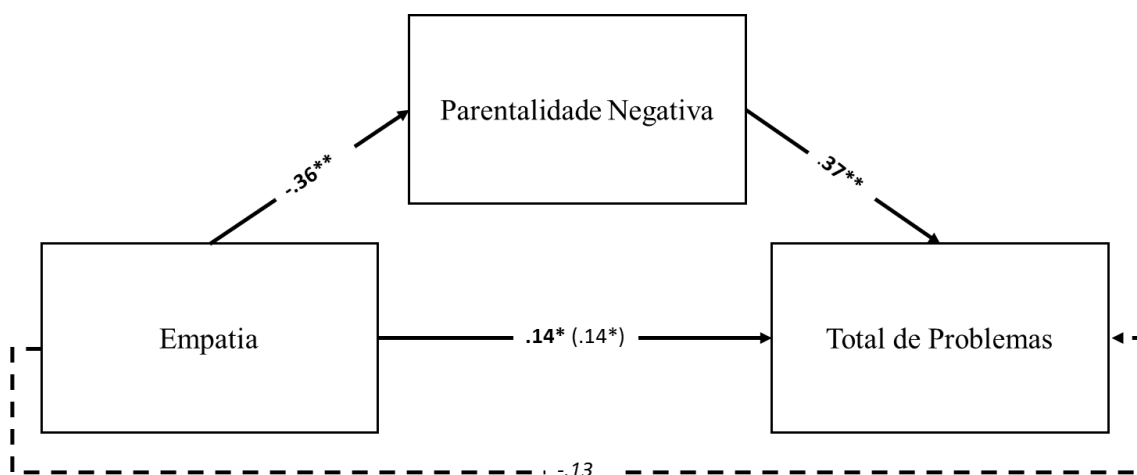
Nota. EP = Erro padrão; ** $p \leq .001$. * $p \leq .01$. * $p < .05$.

Análise de mediação

As análises de mediação foram realizadas através do teste de efeitos indiretos proposto por Preacher e Hayes (2008), baseado em análises de regressão e no método de *bootstrapping*. Foi usada a versão do SPSS macro PROCESS para avaliar a significância de efeitos diretos e indiretos, e os dados foram interpretados determinando se os intervalos de confiança com correção de viés (BCa 95% CI) continham zero; considera-se um efeito indireto significativo se o intervalo de confiança não incluir zero. As análises e as estimativas foram baseadas em 1,000 simulações.

Foi testado um modelo de mediação, sendo a empatia a variável independente, a parentalidade negativa (que inclui estilo autoritário e estilo permissivo) a variável mediadora e o total de problemas da criança a variável dependente. Este modelo foi testado apenas na sub-amostra com desvantagem social e económica.

Os resultados confirmaram um efeito direto significativo entre a empatia e a parentalidade negativa e entre a parentalidade negativa e o total de problemas (Figura 1). Adicionalmente, verificou-se um efeito de mediação da variável parentalidade negativa na relação entre a empatia e o total de problemas (*ponto estimado* = -.13; IC = -.26/-.03); o valor de R^2 ajustado foi de .29. Assim, a empatia tem um efeito sobre o total de problemas de forma direta mas também de forma indireta, através da parentalidade negativa.



Nota. Os valores a negrito representam o efeito total; os valores dentro de parêntesis representam o efeito direto; o valor em itálico representa o efeito indireto. N= 63

* $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

Figura 1. Modelo dos efeitos mediadores da parentalidade negativa na relação entre a empatia e o total de problemas, na amostra com desvantagem económica e social.

Discussão

O presente estudo, centrado particularmente na temática da parentalidade em contextos de desvantagem social e económica, teve como principal objetivo compreender a relação entre empatia, estilos parentais, e ajustamento psicológico dos filhos.

Os resultados revelaram que não existem diferenças significativas entre a sub-amostra com desvantagem social económica e a sub-amostra sem desvantagem no que diz respeito à empatia interpessoal dos pais e aos estilos parentais que estes exibem. No entanto, foram encontradas diferenças na perceção que os pais têm do ajustamento psicológico dos filhos, sendo que os pais da amostra com desvantagem percecionam um menor ajustamento dos seus filhos do que os pais da amostra sem desvantagem social e económica.

Assim, estes resultados confirmam parcialmente a primeira hipótese formulada e mostram-se coerentes com aqueles encontrados por Dearing et al (2006) que nos indicam que as crianças que vivem em situações de pobreza apresentam maiores

dificuldades de ajustamento, exibindo mais comportamentos de internalização e de externalização. Crianças em situação de pobreza, além destas dificuldades a nível de ajustamento psicológico, apresentam também maiores dificuldades de aprendizagem e menor aproveitamento escolar, níveis mais elevados de *stress* e de autorregulação (Evans et al, 2005). Estes resultados, podendo ser considerados como um efeito direto da desvantagem social e económica, podem também ser mediados por fatores familiares e intra-individuais. Ackerman, Kogos, Youngstrom, Schoff, e Izard (1999) constataram que a instabilidade familiar, característica muitas vezes presente neste tipo de famílias e muito associada a conflito conjugal, reatividade parental negativa ou dureza na parentalidade, influencia fortemente o desenvolvimento de comportamentos de internalização e externalização por parte das crianças. De igual modo, os níveis mais baixos de qualidade da comunicação presentes nas famílias com desvantagem económica (Banovcinova et al, 2015) e o *stress* individual e familiar que habitualmente nelas se vive (Yeung et al, 2002), podem revelar-se como outra possível explicação para estes resultados.

Confirmando parcialmente a segunda hipótese, verificou-se uma associação positiva entre a empatia interpessoal e o estilo autoritativo (e, conseqüentemente, com parentalidade positiva) e uma associação negativa entre a empatia e o estilo autoritário (e, conseqüentemente, com parentalidade negativa). Já relativamente ao estilo parental permissivo, os resultados não indicaram qualquer associação significativa. De acordo com a literatura empírica, os estilos parentais autoritativo e permissivo têm sido ligados a níveis mais elevados de empatia, enquanto o estilo autoritário tem sido relacionado com níveis mais baixos desta característica (Baumrind, 1991). Os resultados encontrados neste estudo mostram-se, pois, coerentes com esta literatura à exceção da ligação entre o estilo permissivo e a empatia. É possível que os níveis mais baixos de vigilância e controlo parental que caracterizam o estilo permissivo, possam estar associados, quer a níveis mais elevados de preocupação empática e compreensão cognitiva do outro – traduzindo-se em comportamentos parentais que podem significar, por exemplo, aceitação, tolerância, suporte -, quer a níveis mais baixos de empatia – com comportamentos que podem ser entendidos como falta de interesse, de atenção e baixa responsividade -, justificando, assim, a ausência de uma correlação significativa.

Nos resultados obtidos através da análise correlacional, não se verificou qualquer associação entre empatia e ajustamento psicológico dos filhos. No entanto, surpreendentemente, e de uma forma contraditória, depois de ter sido realizada uma

regressão hierárquica, os resultados mostraram uma contribuição significativa e positiva da empatia parental para o total de problemas das crianças, ou seja, quanto maior a empatia dos pais, menor o ajustamento psicológico dos filhos. Assim, este resultado deve ser interpretado com cautela devido à possibilidade de um efeito estatístico raro de supressão⁷, merecendo um aprofundamento em estudos futuros. Independentemente do efeito de supressão, não se confirmou nem a nossa terceira hipótese – que supunha uma associação negativa entre empatia e problemas no ajustamento psicológico –, nem a nossa sétima hipótese – que supunha um contributo negativo da empatia para problemas no ajustamento psicológico. Alguns estudos apontam para a existência de uma associação entre o ajustamento psicológico da criança e a empatia parental. A expressividade e a responsividade parental, consideradas como componentes da empatia, são, muitas vezes, ligadas ao ajustamento da criança, quer a nível emocional como comportamental, a uma melhor regulação emocional das crianças, a níveis mais elevados de empatia destas e mais comportamentos pró-sociais (Ramsden & Hubbard, 2002; Valiente et al., 2004; Strayer et al., 2004). A literatura sugere-nos, pois, que a empatia dos pais, emocional e cognitiva, está associada a baixos níveis de depressão infantil e níveis mais elevados de autoestima nas crianças (Trumpeter et al, 2008) ou, ainda, que níveis mais elevados de empatia parental estejam relacionados com uma vinculação segura entre pais e filhos (Oppenheim et al, 2001). No entanto, pais mais empáticos, por permitirem e encorajarem uma maior expressão das emoções dos seus filhos, incluindo as negativas, podem contribuir também para um menor ajustamento psicológico infantil (Strayer et al, 2004). É importante, ainda, salientar que a literatura citada se foca sobretudo na empatia enquanto variável da parentalidade – empatia parental – e à forma como esta afeta o desenvolvimento infantil. No presente estudo, a empatia é analisada enquanto variável intrapessoal – empatia interpessoal –, não remetendo diretamente para a parentalidade.

A quarta hipótese formulada foi também parcialmente confirmada pelos resultados do estudo, uma vez que apenas o estilo parental autoritário está negativamente associado ao estilo autoritativo, não se verificando qualquer associação entre estilo permissivo e estilo autoritativo. Esta associação significativa e negativa entre os estilos autoritativo e autoritário pode ser explicada pelas diferenças existentes entre os dois estilos parentais, que se identificam por características, como é o caso do

⁷ Este fenómeno de supressão encontra-se explicado em nota de rodapé na Secção Resultados.

afeto e responsividade demonstrado sobretudo pelos pais autoritativos ou a exigência e o controlo dos mesmos em relação aos seus filhos fortemente característica de pais autoritários (Baumrind, 1991).

Os estilos parentais têm também uma associação significativa com o ajustamento psicológico infantil, sendo que o estilo autoritativo tem uma ligação negativa com problemas no ajustamento das crianças enquanto os estilos autoritário e permissivo têm uma ligação positiva, confirmando-se, assim, a nossa hipótese 5 que remetia para uma associação positiva entre problemas no ajustamento infantil e o estilo autoritário. Tal como Shumow et al (1998) afirmaram, uma parentalidade que se caracterize por um estilo autoritário está relacionada com um aumento de problemas de conduta nas crianças, tanto na escola como em casa. Também Williams, Degnan, Perez-Edgar, Henderson, Rubin, Pine, Steinberg e Fox (2009) verificaram a ligação entre o estilo parental permissivo e níveis mais elevados de problemas de internalização, e o estilo autoritário a níveis mais altos de problemas de externalização, o que é consonante com os resultados encontrados neste estudo.

Os resultados deste estudo apontam não só para as associações supramencionadas entre os estilos parentais e problemas no ajustamento infantil, como também para uma contribuição positiva da parentalidade negativa, que inclui os estilos parentais autoritário e permissivo, para problemas no ajustamento dos filhos, o que corresponde às nossas expectativas (hipótese 6). Ainda no que se refere às variáveis que contribuem para problemas no ajustamento dos filhos, os resultados confirmaram o contributo da situação de desvantagem social e económica, confirmando-se, assim, a nossa hipótese 6. Estes resultados sugerem, pois, que a parentalidade negativa e a desvantagem social e económica nas famílias contribuem negativamente para o total de problemas exibidos pelas crianças, reforçando, assim, as correlações, encontradas neste estudo e anteriormente explicadas, entre estas variáveis. Eisenberg, Zhou, Spinrad, Valiente, Fabes e Liew (2005) corroboram também estes resultados, sublinhando os seus efeitos em termos longitudinais, mostrando ligações entre a parentalidade positiva e um melhor desenvolvimento na autorregulação infantil e menos manifestações de comportamentos de internalização e externalização por parte das crianças anos mais tarde.

A última hipótese deste estudo (hipótese 8) diz respeito à possibilidade de existir uma relação de mediação, na qual a parentalidade negativa tem o papel de variável mediadora entre a empatia e problemas no ajustamento psicológico, no contexto de desvantagem social e económica. Esta hipótese confirmou-se, uma vez que os

resultados revelaram um efeito indireto da empatia sobre o total de problemas das crianças através da parentalidade negativa. Tais resultados sugerem que quanto menor a empatia interpessoal dos pais, maior será a parentalidade negativa, o que terá consequências ao nível dos problemas de ajustamento dos filhos.

Uma vez que a parentalidade é também influenciada, entre outros fatores, pelas características individuais dos pais (Belsky, 1984), e sendo a empatia uma característica individual, seria de esperar que esta exercesse algum efeito sobre a forma como os pais se relacionam e educam os seus filhos e que estes, por sua vez, também influenciassem a forma como os seus filhos se desenvolvem e adaptam. A capacidade dos pais empatizarem com aquilo que os outros estão a sentir, em particular com os seus filhos, potencia relações mais harmoniosas e baseadas no afeto e responsividade, o que permite à criança desenvolver capacidades de autorregulação (Kochanska, 1997; Field, 1994), e de empatia nas suas relações com os outros (Strayer et al, 2004), o que, por sua vez irá contribuir para níveis mais favoráveis de ajustamento infantil. Assim, crianças com níveis mais elevados de empatia apresentarão menos manifestações de comportamentos de externalização e internalização (Strayer et al, 2004; Zhou, Eisenberg, Losoya, Fabes, Reiser, Guthrie, Murphy, Cumberland & Shepard, 2002).

A compreensão dos fatores que afetam o ajustamento psicológico dos filhos é fundamental, particularmente, em crianças provenientes de contextos de desvantagem social e económica, pois esta variável assume-se como outra potencial contribuição para tal desajustamento. Além do efeito direto que esta pode ter no ajustamento da criança (e.g., comportamentos de externalização ou internalização), ou no (menor) aproveitamento escolar, a desvantagem social e económica poderá também afetar a parentalidade ou a estabilidade familiar, nomeadamente, aumentando os níveis de *stress* familiar, ou diminuindo as crenças de autoeficácia dos pais (Raikes et al 2005; Yeung et al, 2002).

Limitações

O presente estudo apresenta limitações ao nível metodológico relativamente à amostra recolhida, nomeadamente a sua dimensão reduzida, bem como a diferença de dimensão entre as duas sub-amostras, o que impossibilitou análises estatísticas mais complexas. Constituem também limitações a não uniformidade relativamente a características da mesma, como o sexo dos participantes, com um número muito mais elevado de participantes do sexo feminino.

Afigurando-se como outra limitação, está o processo de amostragem por conveniência e através da identificação e indicação de famílias pelas instituições, e, ainda, a recolha de dados que se processou diferentemente para ambas as sub-amostras – presencial e oralizado (com explicação de itens e utilização de escala de *Likert* com régua com imagens) para a sub-amostra com desvantagem social e económica e não presencial e não oralizado para a sub-amostra sem desvantagem social e económica. O facto de uma das sub-amostras se caracterizar por desvantagem social e económica, envolvendo processos formais de apoios sociais e económicos e, em muitos casos, de sinalizações à Comissão de Protecção de Crianças e Jovens em Risco, pode ter gerado algum receio por parte dos participantes de que as suas respostas ao protocolo de investigação fossem “avaliadas” pela rede formal de assistência psicológica e socioeconómica (apesar da garantia de confidencialidade), influenciando as suas respostas no sentido da desejabilidade social.

Outra limitação metodológica foi o não-controlo de variáveis importantes tais como o número de filhos ou a configuração estrutural familiar (família monoparental vs. família biparental; casais intactos vs. casais em reconjugalidade). O facto de termos somente a versão de autorrelato no que diz respeito às características dos pais e o relato parental no que diz respeito aos seus filhos, proporcionando-nos apenas a perspetiva dos pais, constitui igualmente uma limitação metodológica. Finalmente, o carácter transversal deste estudo não nos permitiu explorar relações de causalidade entre as variáveis em estudo.

Apesar das limitações referidas, consideramos que o nosso estudo pode contribuir para a reflexão e aprofundamento dos conhecimentos científicos sobre parentalidade e ajustamento psicológico das crianças, particularmente, em contextos de desvantagem social e económica.

Conclusão

As famílias com desvantagem social e económica são, cada vez mais, uma realidade no nosso país (PORDATA, 2016) e, portanto, é absolutamente crucial conhecer as suas características e os processos que nelas têm lugar, bem como compreender de que forma esses processos e fatores têm influência no desenvolvimento infantil, dada a importância dos processos familiares enquanto mediadores entre as dificuldades económicas e o ajustamento das crianças (Mistry et al., 2002). Os contextos de desvantagem social e económica não afetam apenas as crianças, mas sim toda a família, nomeadamente os pais e a forma como estes se relacionam com os filhos, podendo ter consequências negativas no desenvolvimento da criança (Yeung et al., 2002).

No que concerne a implicações do presente estudo para a investigação sobre parentalidade em contextos de desvantagem social e económica, seria fundamental a sua continuidade, considerando a superação dos limites anteriormente enunciados, nomeadamente: a) explorar a configuração estrutural familiar, ou seja, ser uma família monoparental ou biparental e a sua relação com o funcionamento familiar, a qualidade da parentalidade e o ajustamento psicológico e bem-estar dos filhos; b) examinar a influência que o sexo dos pais e o sexo dos filhos poderão ter tanto a nível dos estilos parentais como do ajustamento das crianças; c) ou ainda, analisar variáveis como o percurso conjugal dos pais (e.g., número de relações anteriores, estatuto conjugal atual), o estatuto parental (pais biológicos vs. padrastos/madrastas, pais residentes vs. pais não residentes) e o impacto que poderá ter na parentalidade e no ajustamento das crianças.

Seriam igualmente interessantes, outras possibilidades de investigação que pudessem explorar novos caminhos na compreensão da parentalidade e do ajustamento psicológico das crianças no contexto da desvantagem social e económica, tais como: análise de fratrias e as suas características, a relação entre irmãos, a existência de irmãos de outras uniões; estudos com populações imigrantes, que permitissem analisar também o contributo de variáveis culturais.

O presente estudo contribui também para a reflexão sobre a prática clínica, na medida em que analisa a associação de dificuldades no ajustamento psicológico das crianças a variáveis familiares, sobretudo, parentais, e a variáveis intrapessoais dos pais (ou seja, empatia interpessoal), demonstrando assim a importância das relações

familiares, mas também de variáveis individuais dos pais. Considerando o contexto português, e particularmente no que se refere a contextos de desvantagem social e económica, é mais um contributo para a procura de novas soluções e intervenções para todos aqueles que trabalham diretamente com crianças (e.g., profissionais de saúde mental, técnicos de serviço social, professores, educadores), quando confrontados com crianças que exibam dificuldades no ajustamento psicológico. A associação referida na literatura entre baixos níveis de empatia e parentalidade negativa (Baumrind, 1991), e os nossos resultados que evidenciam a relação entre empatia interpessoal e parentalidade negativa, bem como o impacto direto da parentalidade negativa (e, eventualmente, da empatia interpessoal) no ajustamento psicológico dos filhos, poderão ser objeto de reflexão na prática clínica (preventiva e terapêutica), apontando para a relevância de estratégias de intervenção focadas não apenas na parentalidade mas também no desenvolvimento de competências emocionais e de autorregulação emocional dos pais.

Referências Bibliográficas

- Ackerman, B., Kogos, J., Youngstrom, E., Schoff, K., & Izard, C. (1999). Family instability and the problem behaviors of children from economically disadvantaged families. *Developmental Psychology*, Vol. 35, No. 1, 258-268.
- Aunola, K., & Nurmi, J. (2005). The role of parenting styles in children's problem behavior. *Child Development*, Vol. 76, No. 6, 1144 – 1159.
- Aunola K., Stattin H., & Nurmi, J. (2000). Parenting styles and adolescents' achievement strategies. *Journal of Adolescence*, 23, 205-222, doi:10.1006/jado.2000.0308.
- Banovcinova, A., & Levickan, K. (2015). The Impact of the financial income on the family communication. *Revista Romaneasca pentru Educatie Multidimensionala*, 7(2), 35-46, doi: 10.18662/rrem/2015.0702.03.
- Barnett, M., King, L., Howard, J., & Dino, G. (1980). Empathy in young children: Relation to parents' empathy, affection, and emphasis on the feelings of others. *Developmental Psychology*, 16, 243–244.
- Baumrind, D. (1991). The influence of parenting style on adolescent competence and substance use. *Journal of early adolescence*, 11 (1), 56-95.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: a process model. *Child development*, Vol. 55, No. 1, 83-96.
- Cornel, A., & Frick, P. (2007). The moderating effects of parenting styles in the association between behavioral inhibition and parent-reported guilt and empathy in preschool children. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, Vol. 36, No. 3, 305–318.

- Coyne, L., Low, C., Miller, A., Seifer, R., & Dickstein, S. (2006). Mothers' empathic understanding of their toddlers: Associations with maternal depression and sensitivity. *Journal of Child and Family Studies*, 16: 483–497, doi: 10.1007/s10826-006-9099-9.
- Cumberland-Li, A., Eisenberg, N., Champion, C., Gershoff, E., & Fabes, R. (2003). The relation of parental emotionality and related dispositional traits to parental expression of emotion and children's social functioning. *Motivation and Emotion*, Vol. 27, No. 1.
- Dearing, E., Taylor, B., & McCartney, K. (2006). Within-child associations between family income and externalizing and internalizing problems. *Developmental Psychology*, Vol. 42, No. 2, 237–252, doi: 10.1037/0012-1649.42.2.237.
- Decety, J., & Jackson, P. L. (2004). The functional architecture of human empathy. *Behavioral and Cognitive Neuroscience Reviews*, Vol 3, No 2, 71-100.
- Diamond, L., Fagundes, C., & Butterworth, M. (2011). Attachment style, vagal tone, and empathy during mother–adolescent interactions. *Journal of Research on Adolescence*, 22(1), 165–184, doi: 10.1111/j.1532-7795.2011.00762.x.
- Eisenberg, N., Gershoff, E., Fabes, R., Shepard, S., Cumberland, A., Losoya, S., Guthrie, I., & Murphy B. (2001). Mothers' emotional expressivity and children's behavior problems and social competence: Mediation through children's regulation. *Developmental Psychology*, Vol. 37, No. 4, 475-490.
- Eisenberg, N., Valiente, C., Morris, A., Fabes, R., Cumberland, A., Reiser, M., Gershoff, E., Shepard, S., & Losoya, S. (2003). Longitudinal relations among parental emotional expressivity, children's regulation, and quality of socioemotional functioning. *Developmental Psychology*, Vol. 39, No. 1, 3–19, doi: 10.1037/0012-1649.39.1.3.
- Eisenberg, N., Zhou, Q., Spinrad, T., Valiente, C., Fabes, R., & Liew, J. (2005). Relations among positive parenting, children's effortful control, and externalizing

problems: a three- wave longitudinal study. *Child development*, 76(5), 1055-1071.

Evans, G., Gonnella, C., Marcynyszyn, L., Gentile, L., & Salpekar, N. (2005). The role of chaos in poverty and children's socioemotional adjustment. *Journal of Psychological Science*, 4.43, doi: 10.1111/j.0956-7976.2005.01575.

Field, T. (1994). The effects of mother's physical and emotional unavailability on emotion regulations. *Monographs of the society for research in child development*, Vol. 59, No. 2/3, 208-227.

Formoso, D., Gonzales, N., & Aiken, L. (2000). Family conflict and children's internalizing and externalizing behavior: Protective factors. *American Journal of Community Psychology*, Vol. 28, No. 2, 2000.

Gadeyne, E., Ghesquière P., & Onghena, P. (2004). Longitudinal relations between parenting and child adjustment in young children. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, Vol. 33, No. 2, 347–358.

Kawabata, Y., Alink, L., Tseng, W., Ijzendoorn, M., & Crick, N. (2011). Maternal and paternal parenting styles associated with relational aggression in children and adolescents: A conceptual analysis and meta-analytic review. *Developmental Review* 31, 240–278, doi:10.1016/j.dr.2011.08.001.

Kliewer, W., Borre, A., Wright, A., Jäggi, L., Drazdowski, T., & Zaharakis, N. (2016). Parental emotional competence and parenting in low-income families with adolescents. *Journal of Family Psychology*, Vol. 30, No. 1, 33–42.

Kochanska G. (1997). Mutually responsive orientation between mothers and their young children: Implications for early socialization. *Child Development*, Vol. 68, No. 1, 94-112.

Lengua, L., Kiff, C., Moran, L., Zalewski, M., Thompson, S., Cortes, R., & Ruberry, E. (2014). Parenting mediates the effects of income and cumulative risk on the

development of effortful control. *Social Development* Vol 23, No. 3, 631–649, doi: 10.1111/sode.12071.

Limpo, T., Alves R. A., & Catro, S. L. (2010). Medir a empatia: Adaptação portuguesa do Índice de Reactividade Interpessoal. *Laboratório de Psicologia*, 8(2): 171-184.

Malin, J., Cabrera, N., Karberg, E., Aldoney, D., & Rowe, M. (2014). Low-income minority fathers' control strategies and children's regulatory skills. *Infant Ment Health Journal*, 35(5): 462–472, doi: 10.1002/imhj.21467.

Manczak, E., DeLongis, A., & Chen, E. (2016). Does empathy have a cost? Diverging psychological and physiological effects within families. *Health Psychology*, Vol. 35, No. 3, 211–218.

McLeod, B., Wood, J., & Weisz, J. (2006). Examining the association between parenting and childhood anxiety: A meta-analysis. *Clinical Psychology Review* 27, 155–172, doi: 10.1016/j.cpr.2006.09.002.

Mills-Koonce, W., Willoughby, M., Zvara, B., Barnett, M., Gustafsson, H., & Cox A. (2015). Mothers' and fathers' sensitivity and children's cognitive development in low-income, rural families. *Journal of Applied Developmental Psychology* 38, 1–10.

Mistry, R., Benner, A., Biesanz, J., Clarck, S., & Howes, C. (2010). Family and social risk, and parental investments during the early childhood years as predictors of low-income children's school readiness outcomes. *Early Childhood Research Quarterly*, 25 (4), 432–449, doi:10.1016/2010.01.002.

Mistry, R., Vandewater, E., Huston, A., & McLoyd, V. (2002). Economic well-being and children's social adjustment: The role of family process in an ethnically diverse low-income sample. *Child Development*, Vol. 73, No. 3, 935–951.

Oppenheim, D., Koren-Karie, N., & Sagi, A. (2001). Mothers' empathic understanding of their preschoolers' internal experience: relations with early attachment.

International Journal of Behavioral Development, 25 (1), 16–26, doi: 10.1080/01650250042000096.

Padilla-Walker, L., & Christensen, K. (2010). Empathy and self-Regulation as mediators between parenting and adolescents' prosocial behavior toward strangers, friends, and family. *Journal of research on adolescence*, 21(3), 545 – 551, doi: 10.1111/j.1532-7795.2010.00695.x.

Pallant, J. (2005). *SPSS Survival Manual: A step by step guide to data analysis using SPSS for Windows* (2nd edition.). Australia: Allen & Unwin.

Pedro, M. F., Carapito, E., & Ribeiro, T. (2015). Parenting styles and dimensions questionnaire – versão portuguesa de autorrelato. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 28(2), 302-312, doi: 10.1590/1678-7153.201528210.

Perez-Albeniz, A., & Paul, J. (2003). Dispositional empathy in high- and low-risk parents for child physical abuse. *Child Abuse & Neglect*, 27, 769–780, doi:10.1016/S0145-2134(03)00111-X.

Perez-Albeniz, A., & Paul, J. (2004). Gender differences in empathy in parents at high- and low-risk of child physical abuse. *Child Abuse & Neglect*, 28, 289–300, doi:10.1016/j.chiabu.2003.11.017.

Querido, J., Warner T., & Eyberg, S. (2002). Parenting styles and child behavior in african american families of preschool children. *Journal of Clinical Child and Psychology*, Vol. 31, No. 2, 272-277.

Raikes, H., & Thompson, R. (2005). Efficacy and social support as predictors of parenting *stress* among families in poverty. *Infant health journal*, Vol. 26(3), 177–190, doi: 10.1002/imhj.20044.

Ramsden, S., & Hubbard, J. (2002). Family expressiveness and parental emotion coaching: Their role in children's emotion regulation and aggression. *Journal of Abnormal Child Psychology*, Vol. 30, No. 6, 657–667.

- Schaffer, M., Clark, S., & Jeglic, E. (2009). The role of empathy and parenting style in the development of antisocial behaviors. *Crime & Delinquency*, Vol. 55, No 4, 586-599.
- Shumow, L., Vandell, D., & Posner, J. (1998). Harsh, firm and permissive parenting in low-income families: Relations to children's academic achievement and behavioral adjustment. *Journal of family issues*, Vol. 19, No.5, 483-507.
- Strayer, J., Fraser, S., & Roberts, W. (2004). Empathy and observed anger and aggression in five-year-olds. *Social Development*, 13 (1), 1-13.
- Strayer, J., & Roberts, W. (1989). Children's empathy and role taking: child and parental factors, and relations to prosocial behavior. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 10, 227-239.
- Strayer, J., & Roberts, W. (2004). Children's anger, emotional expressiveness, and empathy: Relations with parents' empathy, emotional expressiveness, and parenting practices. *Social Development*, 13 (2), 229-254.
- Trumpeter, N., Watson, P., O'Leary, B., & Weathington, B. (2008). Self-functioning and perceived parenting: Relations of parental empathy and love inconsistency with narcissism, depression, and self-esteem. *The Journal of Genetic Psychology*, 169(1), 51-71.
- Valiente, C., Eisenberg, N., Fabes, R., Shepard, S., Cumberland, A., & Losoya, S. (2004). Prediction of children's empathy-related responding from their effortful control and parents' expressivity. *Developmental Psychology*, 40(6): 911-926, doi: 10.1037/0012-1649.40.6.911.
- Williams, L., Degnan, K., Perez-Edgar, K., Henderson, H., Rubin, K., Pine, D., Steinberg, L., & Fox, N. (2009). Impact of behavioral inhibition and parenting style on internalizing and externalizing problems from early childhood through

adolescence. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 37(8): 1063–1075, doi: 10.1007/s10802-009-9331-3.

Yeung, W., Linver, M., & Brooks-Gunn, J. (2002). How money matters for young children's development: Parental investment and family processes. *Child Development*, Vol. 73, No. 6, 1861–1879.

Zhou, Q., Eisenberg, N., Losoya, S., Fabes, R., Reiser, M., Guthrie, I., Murphy, B., Cumberland, A., & Shepard, S. (2002). The relations of parental warmth and positive expressiveness to children's empathy-related responding and social functioning: A longitudinal study. *Child Development*, Vol. 73, No. 3, 893–915.